

## APRESENTAÇÃO

Este é o terceiro número da revista ALFA na sua nova fase, isto é, na qualidade de revista que busca centralizar as colaborações relativas a Lingüística de docentes e pesquisadores da Área de Letras da UNESP. Tendo a constituição da Comissão de Redação sido parcialmente modificada com a indicação de Nildemir Ferreira de Carvalho e Ignacio Assis Silva, queremos registrar aqui nosso reconhecimento à Comissão que nos antecedeu pelos esforços dispendidos na preparação dos números V. 24 (1980) e V. 25 (1981).

Neste número:

Alceu Dias Lima chama a atenção para uma constatação crucial: os professores de Lingüística ignoram o alcance social e humano de sua ciência. Isso se manifesta — diz o A. — sobretudo na ausência de uma tomada de posição firme e decidida ante o descabro da cultura responsável por todas as falhas de expressão e comunicação, bem como no fato de os lingüistas não se preocuparem em desmascarar mistificações como a que consiste em situar no âmbito da escola e do ensino as causas de nosso baixíssimo nível cultural. O A. insiste em que a Lingüística é uma ciência humana e só na união das ciências humanas todas é que está o seu verdadeiro desenvolvimento.

Roberto Gomes Camacho investiga a capacidade do falante de reconhecer valores sociais associados à linguagem e procura testar a hipótese socio-lingüística segundo a qual o processo de aquisição da norma culta sofre a interferência de fatores de natureza socio-econômica. O A. chega a constatações como a seguinte: os informantes da classe baixa tendem a não desenvolver adequadamente o processo de conformidade à linguagem padrão. Mais grave — acrescenta Camacho — foi constatar que, paralelamente, o acréscimo da escolaridade não parece estimular nesses jovens o desenvolvimento da norma culta.

Rafael Hoyos-Andrade escreve que os gerativistas exageram as características da linguagem que nos permitem ver nela uma espécie de faculdade, sacrificando o caráter social da mesma e, em conseqüência disso, a sua natureza institucional e comunicacional. Discutindo a posição martinetiana relativa aos universais lingüísticos, o A. insiste em que estes devem induzir-se da observação do maior número possível de línguas e não deduzir-se hipoteticamente de entidades e dispositivos criados “ad hoc” por lingüistas que não sabem ou não querem reconhecer que a lingüística não é matemática.

Maria Cecília Pires Barbosa Lima procura chegar a uma síntese das observações referentes à caracterização do caso “dativo” tal como foi inicialmente apresentada por Fillmore. Examinando as divergências e as particularidades da colocação de autores como Fillmore/68, A.M. McCoy, D.L.F. Nilsen, W. Chafe, W.A. Cook e Zarechnak, o A. procura coligar os itens básicos que podem ajudar a constituir um denominador comum para a identificação do “dativo”. Observação digna de destaque: “O exagero de traços identificadores de um mesmo caso apresentado por alguns autores faz ver que são os conceitos básicos que não estão bem definidos”.

Dirce Charara Monteiro examina bibliografia específica com vistas à coleta de elementos para algumas reflexões sobre o caso “instrumental” bem como para o levantamento de alguns aspectos problemáticos desse caso. A A. aborda questões como: a) O caso instrumental faz parte da modalidade ou da proposição? b) Se incluído na proposição, o instrumental é obrigatório ou facultativo? c) Quais os traços relacionais e quais os traços lexicais que definem o caso instrumental?

Após apresentar os principais conceitos da análise fonológica e depois de abandonar o conceito de sistema uniforme e homogêneo, Manoel Dias Martins se vale do conceito de dias-sistema para comparar o sistema consonantal do português de Portugal e o do português do Brasil. Essa comparação o leva à conclusão de que o sistema consonantal da língua portuguesa se caracteriza por uma localização central avançada.

A contribuição de Pedro Caruso é no sentido de chamar a atenção para a riqueza e o manancial de dados que uma pesquisa dialetológica pode revelar no Estado de São Paulo. Sua contribuição se propõe ainda como uma tentativa de minorar o “vão cego” que caracteriza esse tipo de trabalho de campo.

Masa Nomura procura mostrar que o desenvolvimento de estratégias adequadas à leitura e compreensão de textos em línguas ainda insuficientemente dominadas pelo aluno deve levar em conta: a) a organização formal do texto: análise dos recursos sintático-semânticos utilizados; b) a organização lógica do texto: análise dos recursos discursivos empregados pelo autor na argumentação.

Partindo de colocações feitas pela sintaxe-semântica de B. Pottier e pelo projeto de semiótica narrativa e discursiva que está sendo desenvolvido pelo grupo de investigações semio-lingüísticas liderado por A.J. Greimas, Ignacio Assis Silva procura situar, em termos semio-lingüísticos, três aspectos interessantes da construção do texto, definindo-os em termos de homologias com aspectos da construção do enunciado: a) o aspecto estrutural em sentido restrito; b) o aspecto conteudístico ou semântico em sentido amplo; c) o aspecto metalingüístico ou semiótico propriamente dito.

Araraquara, abril de 1982.  
IGNACIO ASSIS SILVA